



TERMOS DE RESPEITO:
GLOSSÁRIO
ANTIDISCRIMINATÓRIO
RAÇA E ETNIA



Prefeitura de
JACAREÍ

**TERMOS DE RESPEITO:
GLOSSÁRIO
ANTIDISCRIMINATÓRIO
RAÇA E ETNIA**

SUMÁRIO

A ----- 06

ACARAJÉ
AÇÕES AFIRMATIVAS
ACULTURAÇÃO
AFROCONVENIÊNCIA
AFROFUTURISMO
ALBINISMO
AMARELO
ANCESTRALIDADE
ANTIRRACISMO
ANTISSEMITISMO
APARTHEID
AQUILOMBAR
APROPRIAÇÃO CULTURAL
AXÉ

B ----- 09

BRANCO
BRANQUITUDE

C ----- 10

CANDOMBLÉ
CAPOEIRA
COLORISMO
COLONIALISMO/COLONIALIDADE
COMUNIDADE TRADICIONAL
CONGADO/REINADO
CONSCIÊNCIA NEGRA
CONSULTA LIVRE, PRÉVIA E INFORMADA
COTAS RACIAIS
CRIMES RACIAIS

D ----- 13

DEMARCAÇÃO DE TERRAS
DIÁSPORA AFRICANA/ AFRODIASPÓRICA
DISCRIMINAÇÃO RACIAL
DISCURSO DE ÓDIO/HATE SPEECH
DORORIDADE

E ----- 15

EPISTEMICÍDIO
EQUIDADE RACIAL
ESCREVIVÊNCIAS
ESCOLAS DE SAMBA
ETNIA/ÉTNICO/ÉTNICO-RACIAL
ETNOCENTRISMO
ETNOCÍDIO

F ----- 17

FEMINISMO NEGRO
FENÓTIPO
FAVELA

G & H ----- 18

GENÓTIPO

GINGA
HETEROIDENTIFICAÇÃO

I ----- 19

INDÍGENAS/POVOS INDÍGENAS
INJÚRIA RACIAL
ILÉ
INTERRACIAL
INTERSECCIONALIDADE
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA
ISLAMOFOBIA

J, K & L ----- 21

JONGO
KIMBANDA/QUIMBANDA
LETRAMENTO RACIAL
LUGAR DE FALA

M ----- 23

MACUMBA/MACUMBEIRO(A)
MARCO TEMPORAL
MESTIÇA/MESTIÇO
MINORIA RACIAL/ÉTNICA
MITO DA DEMOCRACIA RACIAL
MORENA/MORENO
MOVIMENTO NEGRO
MULATA/MULATO
MULHERISMO

N & O ----- 26

NEGRA/NEGRO
NEGRITUDE
NAGÔS
NECROPOLÍTICA
ORIXÁS

P ----- 28

PARDA/PARDO
PESSOA RACIALIZADA
PEQUENA AFRICA
POVOS DE TERREIRO
POVOS ORIGINÁRIOS
PRECONCEITO RACIAL
PRETA/PRETO
PRETOGUÊS

Q ----- 30

QUILOMBISMO/QUILOMBAGEM
QUILOMBO/QUILOMBOLAS

R ----- 31

RAÇA
RACISMO
RACISMO AMBIENTAL
RACISMO ESTRUTURAL
RACISMO INSTITUCIONAL
RACISMO RECREATIVO
RACISMO OBSTÉTRICO

RACISMO RELIGIOSO
RACISMO REVERSO (POR QUE NÃO EXISTE)
RACISMO SOCIAL
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA
REPRESENTATIVIDADE
RESERVA INDÍGENA/TERRA TRADICIONAL IN-
DÍGENA
RETOMADA

S ----- 36

SABERES ANCESTRAIS
SABERES TRADICIONAIS
SEGREGAÇÃO RACIAL
SINCRETISMO
SOLIDÃO DA MULHER NEGRA

T ----- 38
TERRA/TERRITÓRIO/ TERRITORIALIDADE
TERREIRO
TRÁFICO ATLÂNTICO
TRIBO/ALDEIA

U, X & ----- 40

UMBANDA
UBUNTU
XENOFOBIA
YORUBÁ OU IORUBÁ

ALFABETO DE EXPRESSÕES RACISTAS: PORQUÊ NÃO USAR ----- 43

A

A coisa tá preta
A dar com pau
Amanhã é dia de branco
Até tenho amigos que são negros

B

Barriga suja/limpa
Boçal

C

Criado Mudo

D

Da cor do pecado
Denegrir
Disputar a nega
Doméstica/o

E

Esclarecer
Escravo
Estampa Étnica

F

Feito nas coxas

G

Galinha de Macumba/Chuta que é Macumba

H

Humor negro

I

Índio
Inveja Branca

L

Lápis Cor de Pele
Lista Negra

M

Magia Negra
Meia tijela/de meia tijela
Mercado Negro
Mulato(a) Exportação

N

Não sou tuas negas
Nega Maluca
Negra exótica/ Negra de traços finos
Negro(a) de alma branca
Nhaca/Inhaca

O

Ovelha negra

P

Pé na cozinha
Preto quando não caga na entrada, caga saída
Programa de índio

Q

Quando não está preso, está armado

S

Samba do crioulo doido
Serviço de preto

V

Volta pro mar, oferenda!



ACARAJÉ

Bolinho da culinária afro-baiana, é uma das mais tradicionais especiarias populares no Brasil. Ele é feito com feijão-fradinho artesanal, temperado com cebola e sal, frito em azeite de dendê e depois recheado com vata-pá (leite de coco, castanha de caju, amendoim e camarão), vinagrete e camarão seco. É servido “quente” ou “frio”, ou seja, com muita ou pouca pimenta.

Sua comercialização teve início no período da escravidão dos povos africanos, e tornou-se uma fonte de renda para os terreiros, quando as “escravas de ganho” vendiam o produto em seus tabuleiros, principalmente em regiões turísticas da Bahia, juntamente com outras iguarias baianas, como o abará, o lelê, a cocada preta, cocada branca, o pé-de-moleque, a passarinha, o bolo de estudante.

AÇÕES AFIRMATIVAS

Medidas, políticas e programas adotados pelo Estado e iniciativa privada, no sentido de corrigir as desigualdades sociais, promovendo a igualdade

de de oportunidades. As ações afirmativas são voltadas para grupos minorizados, por meio do princípio constitucional da igualdade material e neutralização de discriminações de raça, gênero, por deficiência, nacionalidade, entre outras.

ACULTURAÇÃO

Processo de imposição cultural de determinada cultura sobre outra, envolvendo absorção dos traços culturais da cultura hegemônica e perda dos principais referenciais da cultura em dominação, podendo resultar ou não em sua aniquilação. O termo aculturação pode ser interpretado por mais de uma perspectiva, sendo que seu uso original foi cunhado pela escola norte-americana de antropologia, para descrever processos decorrentes da colonização, dominação política, guerras, uso deletério do poder militar, dentre outros contextos de desigualdade de poder. Nesse sentido, o entendimento da aculturação deve ser acompanhado das dinâmicas de poder, visto que não se refere à mera alteração cultural.

AFROCONVENIÊNCIA

Ato de indivíduos que se beneficiam de sua aparência, para se intitularem como pessoa negra para fazerem uso de políticas afirmativas raciais, voltadas a reparação histórica do processo de escravidão, utilizando quando lhes é conveniente, os direitos destinados à população negra, historicamente marginalizada. O termo foi criado a partir da observação de casos de fraude em cotas raciais, em que pessoas brancas alegam ser negras ou pardas para fazerem uso dessas políticas, mas que não se identificam como negras em outros contextos.

AFROFUTURISMO

Movimento cultural, estético e político principalmente da literatura, do cinema, fotografia, teatro, música entre outras linguagens, construído a partir da perspectiva negra, utilizando elementos da ficção científica e da fantasia para criar narrativas protagonizadas por pessoas negras, retratando um futuro de tecnologias avançadas ou superação de condições de opressão racial.

ALBINISMO

Termo com origem do latim *Albus*, que significa alvo, branco, e descreve a mudança genética da falta de melanina. Pode ser um albinismo ocular (afetando os olhos); parcial (onde a melanina é produzida em algumas partes do corpo) ou oculocutâneo (quando afeta todo o corpo).

AMARELO

Classificação racial, utilizada oficialmente pelo IGBE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Amarelo, para referir-se às pessoas que pos-

suem ascendência asiática - japoneses, chineses, coreanos, entre outros, especialmente do leste do continente.

ANCESTRALIDADE

Reconhecimento das pessoas mais velhas como fonte de sabedoria e legado que orienta e organiza a vida das gerações vindouras. O termo, dentro da perspectiva africana representa a valorização dos antepassados, não indicando apenas a linha genealógica, mas o legado antepassado de determinado povo.

ANTIRRACISMO

Conjunto de ideias e ações para o enfrentamento ao racismo. Esse termo parte da ideia de que em sociedades estruturalmente racistas, não basta não ser racista, e sim que tenhamos atitudes e condutas antirracistas, combatendo o racismo, na prática. Como exemplo, em variadas esferas da sociedade, podemos citar a elaboração de políticas públicas para a efetivação de direitos da população negra, erradicação de práticas racistas institucionais ou mesmo a eliminação do uso, na linguagem, de expressões racistas.

ANTISSEMITISMO

Processo discriminatório, que tem como público-alvo de ataques os judeus e seus valores e instituições. Pode ser também conceitualizado como preconceito ou ódio aos povos semitas (judeus, comunidades judaicas e povos árabes). O Holocausto é o maior exemplo de antissemitismo da História, em que cerca de 6 milhões de judeus foram perseguidos, presos, torturados e mortos pelo regime nazista alemão e seus aliados.

O centro de memória do Holocausto Yad Vashem, em Jerusalém, é um forte exemplo de que manter a memória pública de um período histórico hediondo contribui não só para honrar suas vítimas, como também para alertar as novas gerações dos riscos da intolerância e do ódio.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

APARTHEID

A palavra significa “separação”. Foi mundialmente reconhecida pelo apartheid na África do Sul - sistema de “segregação racial” que se baseava em noções de superioridade racial de pessoas brancas em relação às pessoas negras, entre 1948 e 1994. Leis limitavam explicitamente o acesso e negava direitos às pessoas negras a espaços, serviços e participação política. Esse sistema foi duramente combatido, sendo Nelson Mandela um dos grandes líderes dessa luta, sendo condenado a prisão perpétua e preso de 1964 a 1990. Em 1994, Mandela foi eleito presidente da África do Sul, repactuando a vida social no período pós-apartheid. Porém, mesmo com o fim formal do regime de apartheid, permanece no país até os dias atuais, um contexto de extrema desigualdade social e racial.

AQUILOMBAR

Promoção de uma postura de resistência diante de algum processo hegemônico de racismo. Na atualidade, o movimento negro contemporâneo

se inspira no sistema de resistência histórico promovido pela população afrodiáspórica escravizada no período colonial brasileiro, se tornando ícone da luta pela liberdade, para criar espaços de cuidado de si e do outro.

APROPRIAÇÃO CULTURAL

Processo pelo qual uma pessoa, grupo ou sociedade se apropria de matrizes culturais (ou elementos específicos de uma cultura) vivenciadas por outrem, normalmente em condição socioeconômica desigual, desvirtuando os sentidos daqueles símbolos culturais, esvaziando de sentido ou mesmo deturpando-os, em benefício próprio. Adoção de traços ou elementos constitutivos de determinada cultura, retirados de seu contexto ou uso tradicional. Por exemplo: Uso de cocares por pessoas não indígenas como elemento de fantasia de carnaval, sem refletir ou pesquisar antes sobre seus significados dentro de sua cultura de origem.

AXÉ

O axé ou asé em iorubá é um termo da religiões afro-brasileiras, que permeia outras manifestações culturais/populares no Brasil. É considerado a própria energia vital que cada um carrega consigo para realizar algo nessa vida. É utilizada para designar vida e força manifesta em todo ser vivo ou coisa existente na natureza - força sagrada advinda dos orixás e pode se referir também a força mágica que sustenta os terreiros do candomblé.

B



BRANCO

É uma das categorias oficiais utilizadas no Brasil no que se refere à classificação étnico-racial pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE).

BRANQUITUDE

Branquitude refere-se a uma posição social de privilégios, uma estrutura de vantagens e facilidades de acesso e gozo que as pessoas brancas, possuem, queiram elas ou não, associadas à raça/cor da pele (branca). Segundo nos alerta Cida Bento: “Fala-se muito na herança da escravidão e nos impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas”. Esses impactos positivos aos quais se refere a professora Cida são a herança colonial ain-

da presente na vida de todas as pessoas brancas, independentemente da vontade e postura individual. Como ilustração, percebe-se que mesmo pessoas brancas em situação de pobreza são tratadas de forma diferenciada em relação às pessoas negras no acesso a diversos direitos, como saúde, educação, acesso ao mercado de trabalho, dentre outros. Nesses contextos citados, ainda que pessoas negras e brancas estejam sujeitas a vulnerabilidades econômicas, para as pessoas negras o acesso a direitos que poderiam diminuir essas vulnerabilidades é ainda mais difícil.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022



CANDOMBLÉ

Manifestações religiosas brasileiras, de matrizes africanas, transportadas e ressignificadas pela população negra no Brasil, a partir do tráfico negreiro, centradas no culto aos Orixás, Inquices e Vodunsis. No Brasil, os primeiros registros de terreiros de Candomblé datam de meados do século XIX, a partir das populações oriundas da África Sudanesa, região do atual Benin e Nigéria. Pode-se considerar que a partir de duas matrizes culturais africanas, banto e yorubá, surgiram no Brasil, respectivamente, os Candomblés Angola e Ketu/Nagô/Jeje/Vondunsi. Etimologicamente o termo “candomblé” deriva da junção de *quimbundo/candombe* (dança com atabaques) com o termo iorubá *ilê* (casa). *Candomb-ilê*, que significa casa da dança com atabaques.

CAPOEIRA

Luta, dança e jogo africano com técnicas corporais de ataque e defesa. A capoeira é símbolo de resistência negra no Brasil, pois, por muito tempo, foi considerada ilegal. Atualmente, ela é considerada Patrimônio Imaterial da Humanidade.

COLORISMO

Colorismo ou pigmentocracia é a compreensão de que pessoas negras são tratadas de forma diferenciada pela sociedade de acordo com as tonalidades da sua pele negra. A partir de uma hierarquização criada pela própria construção do conceito de raça, uma espécie de competição entre negros claros e escuros foi criada, desde os tempos da escravização, com a concessão de certas “vantagens sociais” a pessoas negras de pele mais clara. Mas, atenção: o reconhecimento de que pessoas negras são tratadas de formas diferentes de acordo com o fato de serem retintas ou terem a pele mais clara não significa que as pessoas negras de pele clara sofrem menos racismo. Em síntese, o racismo se manifesta de formas diferentes para pessoas diferentes e em contextos diferentes, e reconhecer esse fato não pode ser confundido com a negação da negritude de pessoas negras de pele mais clara – o que, em si mesmo, seria uma forma de violência.

COLONIALISMO • COLONIALIDADE

O colonialismo pode ser entendido como a prática de domínio sistemático e violento de uma cultura sobre um território, seus povos, seus costumes e modos de vida, como foi o caso de Portugal em relação às ditas Américas. O ato ou efeito de colonizar pelo estabelecimento de colônias, principalmente da África, América e Ásia, foi historicamente sustentado como uma empreitada filantrópica que retiraria povos nativos do “estado de selvageria”, desumanizando povos dos quais os regimes imperialistas queriam saquear riqueza.

A Colonialidade é um processo histórico de permanência de padrões dominadores enraizados em uma sociedade mesmo após o fim do sistema colonial. No Brasil, um dos traços mais evidentes dessa situação é o racismo estrutural que normatizou, de certa forma, as relações étnico-raciais brasileiras, mantendo a população negra e indígena em situação desprivilegiada perante a população branca.

COMUNIDADE TRADICIONAL

Comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Decreto Federal 6.040/2007).

CONGADO (REINADO)

Rito milenar originado na África e introduzido no Brasil com a chegada dos primeiros escravizados, com a

finalidade de manter suas tradições. Ela homenageia os antepassados, reis, divindades e anciãos, em especial o Rei Congo. Aos poucos foram inseridas santidades, como Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia (variando por região ou comunidade) que surgiram no período colonial, com o objetivo de que o rito fosse aceito pela Igreja Católica. Em algumas congadas, se recorda a figura de Chico Rei e da luta entre cristãos e mouros.

CONSCIÊNCIA NEGRA

Consciência negra diz respeito às reflexões acerca da história da população negra no Brasil, convocando a pensar sobre as ações de combate ao “racismo estrutural”, que passam pela instituição de políticas de reconhecimento, reparação e valorização das pessoas negras. No Brasil, o dia 20 de novembro foi instituído oficialmente pela Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011, como o Dia da Consciência Negra. A discussão acerca da consciência negra e da centralidade na data do 20 de novembro vem se intensificando desde os anos 1970. Iniciou-se por meio dos movimentos negros, a respeito da necessidade do protagonismo da luta negra, direcionando as comemorações e reflexões para essa data, mais significativa para a população negra em referência ao dia em que teria sido assassinado Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares.

CONSULTA LIVRE, PRÉVIA E INFORMADA

A consulta livre, prévia e informada é uma garantia a todas as comunidades tradicionais de participação efetiva

em ações, empreendimentos e medidas que afetem seu modo tradicional de vida e território, que sejam promovidas tanto pelos governos como pela iniciativa privada. Esse direito foi conquistado com a ratificação pelo Governo Brasileiro da Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho – OIT.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

COTAS RACIAIS

Estratégia política de reparação histórica, são ações afirmativas de inclusão, adotados pelo Estado através de políticas públicas e pela iniciativa privada com vistas a superar desigualdades raciais acumuladas historicamente. Apesar do inegável avanço legislativo no contexto brasileiro, os indicadores sociais apontam que as disparidades raciais ainda persistem na sociedade brasileira e estão reiteradamente presentes no cotidiano das pessoas negras, constatação que indica que o prosseguimento das políticas de cotas raciais ainda é fundamental para o alcance da equidade racial no país.

CRIMES RACIAIS

Segundo a Lei nº 7.716/1989, em seu artigo 20, é crime praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Ou seja, são englobadas pelo crime de racismo outras formas de discriminação, como

xenofobia ou a intolerância religiosa/racismo religioso. Também são crimes de racismo impedir alguém de ocupar um cargo público, negar emprego em empresa privada, tratar o empregado de forma diferente, impedir a promoção do funcionário, recusar o acesso a ambiente comercial, negar o atendimento ao cliente ou comprador, recusar o ingresso de aluno em instituição de ensino, dentre diversos outros impedimentos ou recusa de acesso a determinados ambientes, quando motivados por discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Assim, o crime de racismo pode se manifestar de diferentes formas e contra diferentes grupos racializados (pessoas negras, indígenas, ciganas, judias, entre outros). Para além desses casos expressos em Lei, o Supremo Tribunal Federal decidiu, em 2019, que o crime de homotransfobia é passível de punição pela Lei de Racismo, a partir do entendimento do racismo social.

Além disso, há a injúria racial, que também é um crime racial, porém está previsto no art. 140, § 3º, do Código Penal. Diz respeito às condutas que ofendem a dignidade de pessoas utilizando-se de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou com deficiência. Assim, o crime de injúria racial diz respeito às condutas racistas direcionadas para um indivíduo, diferenciando-se dos crimes previstos na Lei nº 7.716/1989, pois estes são direcionados a toda uma coletividade.



DEMARCAÇÃO DE TERRAS DEMARCAÇÃO DE TERRAS
DEMARCAÇÃO DE TERRAS DEMARCAÇÃO DE TERRAS
DEMARCAÇÃO DE TERRAS DEMARCAÇÃO DE TERRAS



DEMARCAÇÃO DE TERRAS

Ato regulatório que, no Brasil, garante às populações indígenas, quilombolas e tradicionais o direito a um território para que, assim, reproduzam seu modo de vida, saberes e sua cultura.

DIÁSPORA AFRICANA AFRODIASPÓRICA

É o movimento de dispersão forçada dos africanos em direção às Américas, ao Oriente Médio e à Europa, através de sequestro e escravização. Durante o século XIX, estima-se que 13,2 milhões de africanos foram trazidos forçadamente para as Américas. A diáspora africana se relaciona tanto aos aspectos negativos dessa dispersão – pela escravização, violência, torturas e o racismo consequente desse processo – como aos positivos, considerando a resistência dos povos negros escravizados, incluindo a resistência através da afirmação de suas culturas, sabedorias e religiões de matriz africana, bem como às experiências, contribuições e construções sociais feitas pelos povos africanos nesses outros continentes.

DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Discriminação racial é o tratamento diferenciado dispensado a pessoas ou grupos a partir de um julgamento moral ou social pejorativo relacionado à raça, o que torna a pessoa discriminada vulnerável a restrições de direitos e/ou a violências. É a exclusão, restrição ou preferência baseadas em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tem por objetivo anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício em igualdade de condições de direitos (Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial).

O conceito de discriminação racial muito se aproxima daquele de racismo mas não são termos equivalentes. O termo discriminação em si pode ter conotação positiva, a depender do contexto. A chamada “discriminação positiva” seria a categorização de grupos – não necessariamente raciais – para o desenvolvimento de políticas públicas que corrijam desigualdades sociais (ações afirmativas). Contudo, o termo é mais comumente empregado em sua conotação negativa, ao qual se assemelha ao conceito de racismo.

DISCURSO DE ÓDIO (HATE SPEECH)

São manifestações de conotação negativa a indivíduos ou grupos vulnerabilizados, a partir do entendimento de que são inferiores, menos dignos de direitos, oportunidades ou recursos do que outros grupos ou indivíduos. Essa forma de discurso legítima e incita, consequentemente, a discriminação e a violência contra as pessoas que se pretende ofender por meio de palavras, expressões, gestos, símbolos, vestimentas, e culmina em violências diversas de forma presencial ou virtual. É preciso identificar o discurso de ódio, pois o que pode parecer inofensivo para pessoas que não são o seu alvo carrega, na verdade, um sentido degradante e discriminatório, com sérias consequências para suas vítimas.

DORORIDADE

Conceito cunhado pela professora e escritora Vilma Piedade para descrever uma perspectiva filosófica que parte da dor advinda de duas formas de discriminação

que se interseccionam: raça e gênero. A palavra remete ao termo sororidade, conceito feminista relacionado à união e aliança entre as mulheres, porém, são conceitos distintos. A dororidade parte, justamente, da necessidade de se fazer uma análise interseccional das opressões que atingem mulheres negras, pois estas sofrem as consequências do racismo e do machismo ao mesmo tempo, sem uma hierarquia entre essas formas de opressão. Assim, a dororidade se relaciona à sororidade no sentido que contém as dores provocadas pelo machismo, mas vai além, pois abarca ainda “a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo”, conforme descreve Vilma Piedade. Portanto, a sororidade é insuficiente para descrever a dor de mulheres negras.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022



EPISTEMICÍDIO

Segundo a pensadora Sueli Carneiro (2005), o epistemicídio pode ser descrito como o processo de negação/invisibilização das contribuições culturais e sociais das diversas sociedades não hegemônicas, em suas diversas formas de saberes. É derivado das várias formas de silenciamento provocadas pelo colonialismo e se dá por meio de um processo que se retroalimenta: a produção de conhecimento, a partir de um único modelo epistemológico, que no Brasil se apresenta pelo eurocentrismo - conhecimentos de origem europeia - rebaixando, assim, a capacidade de produção de conhecimento por parte das camadas vulnerabilizadas pelo processo histórico colonial, afetando as políticas de acesso e permanência em um sistema educacional formal.

EQUIDADE RACIAL

É a garantia, por meio de políticas públicas, de que todas as pessoas sejam tratadas igualmente, sem discriminações relacionadas à raça, reconhecendo as diferenças, visando a redução dessas desigualdades. Equidade se relaciona ao conceito mate-

rial de igualdade, ou seja, a garantia da igualdade na prática, para além da garantia do direito de igualdade na lei. O conceito de equidade requer o reconhecimento de que, devido ao contexto histórico e social, diferentes grupos sociais são tratados de formas diferentes, ou seja, através do tratamento desigual é possível promover a correção das desigualdades.

ESCREVIVÊNCIAS

Termo cunhado por Conceição Evaristo que parte do jogo entre as palavras “escrever”, “viver” e “se ver”, que descreve o ato de escrita de mulheres negras enquanto potência de descrição das próprias vivências. São premissas da autora o histórico em que pessoas brancas escreviam – e ainda escrevem – sobre pessoas negras, frequentemente descrevendo-as a partir de algum estereótipo, como preguiçosas, desorganizadas e sexualizadas, ou ainda a partir de um olhar que enxerga as culturas africanas e afro-brasileiras como exóticas ou folclóricas e o fato de que mulheres negras escravizadas tinham de contar suas histórias para a casa-grande, em um processo em que o seu “cor-

po-voz” estava sob o controle de escravocratas. Segundo a autora “A sobrevivência é o caminho inverso, que borra essa imagem do passado, muito fundamentado na autoria de mulheres negras que hoje em dia são donas da escrita e que podem escrever suas vivências. Não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”.

ESCOLAS DE SAMBA

Comunidades musicais e culturais afro-brasileiras que participam dos desfiles de carnaval brasileiros.

As bases das escolas de samba surgiram nos anos 1920, no Rio de Janeiro, sendo elas uma fonte de cultura para a população trazendo a história afro brasileira e a história do Brasil nos seus sambas enredos.

ETNIA • ÉTNICO • ÉTNICO-RACIAL

Grupo de pessoas que se relacionam com base em uma genealogia ou ancestralidade comum, o que se reflete em sua cultura (ascendência, mito de origem, história, pátria, língua, idioma ou dialeto, sistemas simbólicos como religião, mitologia e ritual, culinária, estilo de vestir, arte ou perfil racial, aparência física, costumes e tradições), formando uma unidade social perante aqueles grupos distintos ao seu.

ETNOCENTRISMO

Postura de superioridade de uma cultura sobre outras, fazendo com que uma cultura, que se sente ou se impõe como dominante ou superior, negue ou desvalorize aquela outra com a qual se relaciona. Essa perspectiva faz com que se observe uma diversidade de povos sob uma só visão particular, geralmente incluindo ideias de superioridade cultural ou racial. Exemplo: os discursos de ódio direcionados ao povo nordestino no Brasil, ofendendo seus costumes, atributos culturais, sotaque, estética, festas, dentre outros traços culturais é uma prática etnocêntrica que subjuga uma cultura, fomentando posturas intolerantes e até mesmo supremacistas.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

ETNOCÍDIO

Processo de extermínio de determinado grupo sociocultural em razão de sua condição étnica, por uma política de negação da existência da diferença. Aniquilação sistemática de povos e seus modos de vida, como exemplo, o processo que culminou no extermínio dos povos originários pelos colonizadores, nas terras onde hoje está situado o Brasil.

F



FEMINISMO NEGRO

O feminismo negro parte do reconhecimento de que mulheres negras são atravessadas, ao mesmo tempo, por problemas relacionados a gênero e a raça. Surgiu a partir da percepção de mulheres negras de que o feminismo de mulheres brancas era insuficiente para reconhecer as vulnerabilidades específicas de raça, ao mesmo tempo em que o movimento negro pouco reconhecia, à época, problemas relacionados a gênero. O feminismo negro se relaciona intimamente ao conceito de interseccionalidade, na medida em que não estabelece uma hierarquia entre o racismo e o machismo, reconhecendo que eles incidem sobre mulheres negras ao mesmo tempo. O feminismo negro também busca o empoderamento de mulheres negras, reconhecendo a necessidade de modificação das estruturas sociais para que as desigualdades sejam eliminadas, não sendo direcionado a conquistas individuais de mulheres.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

FENÓTIPO

Diz respeito às características físicas e/ou

externas de um indivíduo, considerando as influências do meio em que ele se insere. Quando falamos sobre raça e racismo no Brasil, as características fenotípicas fazem parte da leitura racial feita pela sociedade para definir se uma pessoa é branca, negra, amarela, indígena etc., como a cor da pele, os traços, textura do cabelo etc. As características fenotípicas são importantes para essa leitura, mas não são os únicos elementos a serem levados em consideração. Outros elementos, como territorialidade, cultura e ascendência também auxiliam na compreensão racial do indivíduo. O entendimento atual sobre raça e racismo é de que são fenômenos complexos e socialmente determinados, não apenas determinados por concepções genéticas, como já se acreditou um dia. Para mais informações, ler os verbetes “raça”, “racismo social” e “genótipo”.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

FAVELA

Núcleo habitacional de índice populacional elevado e com escassez de recursos públicos. Espaço popular de produção cultural plural importante para a história e resistência do povo negro no Brasil.

GH

GENÓTIPO

O termo se relaciona aos estudos da genética e se refere ao conjunto de genes de uma pessoa. Os genes da pessoa, em combinação com o ambiente em que ela se insere, determinam o seu fenótipo.

GINGA

Movimento corporal da capoeira e da dança de matriz africana.

HETEROIDENTIFICAÇÃO

Heteroidentificação é um procedimento utilizado para identificar a etnia/racialidade de uma pessoa, através da avaliação de um terceiro. Esse método é utilizado na maioria dos concursos, sobretudo nas instituições federais, para evitar fraudes de candidatos que não poderiam utilizar as cotas raciais para ingressar no curso.

A heteroidentificação é fundamental para garantir o cumprimento da lei e o uso desse direito pelo público a quem é destinado.



ÍNDÍGENAS ÍNDÍGENAS
ÍNDÍGENAS ÍNDÍGENAS
ÍNDÍGENAS ÍNDÍGENAS
ÍNDÍGENAS ÍNDÍGENAS
ÍNDÍGENAS ÍNDÍGENAS
ÍNDÍGENAS ÍNDÍGENAS



ÍNDÍGENAS (POVOS ÍNDÍGENAS)

Caracterizam-se como aqueles agrupamentos humanos que antecederam a ocupação ocidental das Américas. Também foram chamados pejorativamente de nativos ou aborígenes ou selvagens, em razão de viverem, historicamente, em profunda relação com a natureza. Com o processo colonial, a dinâmica de expropriação de seus territórios e a negação de sua identidade por parte dos governos dominantes, fizeram com que eles vivessem uma violenta alteração de seus modos de vida, mantendo, porém, a identidade e alteridade, ou seja, uma consciência de pertencimento a um grupo originário e, por isso mesmo, distinto da sociedade nacional. A realidade atual dos povos indígenas, não só no Brasil, compreende diversos agrupamentos étnicos reorganizados em centros urbanos, fruto da expropriação de seus territórios.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

INJÚRIA RACIAL

Qualquer atitude ou tratamento dado à

pessoa ou a grupos minoritários que cause constrangimento, humilhação, vergonha, medo ou exposição indevida, e que usualmente não se dispensaria a outros grupos em razão da cor, etnia, religião ou procedência.

ILÊ

Ilê significa casa de negro, casa da terra, casa de candomblé ou terreiro.

INTERRACIAL

O termo “interracial” diz respeito às relações – sejam familiares, sexuais, de amizade, etc. – entre pessoas de raças diferentes. Assim, uma relação interracial ocorre, por exemplo, quando uma pessoa branca se casa ou namora com uma pessoa negra.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

INTERSECCIONALIDADE

Termo inicialmente conceituado pela pesquisadora estadunidense Kimberlé Crenshaw em 1989, que designa a sobreposição de opressões. Assim, a partir da articulação de marcadores sociais –

como raça, classe, gênero, sexualidade, nacionalidade, religião etc. —, ocorrem formas específicas de discriminações e violências. Surgiu a partir das discussões acerca do lugar da mulher negra, que, de forma sobreposta, sofre discriminações e violências em razão de gênero, raça e classe. Como exemplo, mulheres negras ganham menos da metade dos salários de homens brancos, que são o grupo que ocupa o topo da escala de remuneração do Brasil.

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Ato discriminatório contra uma pessoa ou grupo em razão do seu pertencimento a uma religião ou grupo religioso, ou quando uma pessoa tem seus objetos de culto e crença agre-

dados ou difamados por terceiros que não correspondem com a mesma linha de fé.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

ISLAMOFOBIA

Processo de violência e negação do modo de vida e crença da comunidade mulçumana ou mesmo dos símbolos que unificam a identidade dessa cultura e religião.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

J, K & L

JONGO

Jongo, ou caxambu é um ritmo que teve suas origens na região africana do Congo-Angola. Chegou ao Brasil-Colônia com os negros de origem bantu trazidos para o trabalho forçado nas fazendas de café do Vale do Rio Paraíba, no interior dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. É uma tradição afro-brasileira típica da região sudeste, uma dança de roda, em que um casal brinca no centro do círculo. As letras, cheias de metáforas, falam do dia a dia das comunidades e dos desafios da população negra.

KIMBANDA (QUIMBANDA)

Segundo o escritor Nei Lopes, em seu livro Novo Dicionário Banto do Brasil, o vocábulo Kimbanda, na língua quimbundo, em Angola (Quimbanda na língua portuguesa) possui o significado de sacerdote e médico ritual de cultos de origem banta e corresponde ao termo nganga na língua quicongo. Kimbanda portanto, se distingue do termo Muloji/Ndoki (línguas quimbundo e quicongo respectivamente), que designam o feiticeiro agente de práti-

cas que objetivam malefícios. Assim, o Kimbanda é um médico, que utiliza a Umbanda, ciências médicas. Em Angola a palavra Imbanda (Embanda) é o plural de Kimbanda. Já 'Mbanda (Umbanda) é a arte de curar desenvolvida e praticada pelos Imbanda banto, de Angola, passada por tradição oral de geração em geração com bastante zelo. Esta arte ainda é praticada em toda Angola como parte do sistema religioso tradicional.

No Candomblé brasileiro de tradição banto, conhecido como Candomblé Angola, Kimbanda é o nome do rito praticado, sendo o sacerdote chamado de Táta Kimbanda (Pai de Quimbanda). Quimbanda é ainda, uma das diversas vertentes das religiões de matrizes africana marcada pelo culto a Exu e às Pombajiras.

LETRAMENTO RACIAL

Letramento é o estágio posterior à alfabetização, ou seja, depois de um ser humano passar pela fase de aprender a linguagem, ele passa para a fase de compreender como a linguagem é produto e produtora da realidade. Assim, letramento racial diz respeito à

desconstrução de formas de pensar e agir pautadas pelo racismo e na construção de práticas pedagógicas antirracistas. O conceito foi criado pela socióloga americana France Winddance Twine em 2003, e a primeira tradução para o português é atribuída à psicóloga Lia Vainer Schucman. Nesse contexto, a socióloga Neide de Almeida pauta que a escola é um dos espaços mais importantes para colocar em prática o letramento racial, uma vez que, nas grades curriculares brasileiras, há o ensino hegemônico da história eurocêntrica a partir de autores majoritariamente europeus. A partir disso, a socióloga propõe alguns pontos a serem seguidos no combate ao racismo nas escolas, sendo um deles o comprometimento com a implementação da Lei nº 10.639/2003 e a 11.645/2008, abordando a história e as culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas nas grades curriculares, além da atualização das bibliotecas escolares, ofertando livros de autores (as) negros (as) e indígenas.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

LUGAR DE FALA

Lugar de fala é um termo que problematiza a relação entre sujeito – quem diz – e objeto – sobre o que se diz. Parte do reconhecimento de que algumas pessoas, por razões estruturais de classe, raça, gênero etc., ocupam espaços de privilégio na enunciação dos discursos. Então, por exemplo, homens brancos

historicamente ocupam espaço de poder para falar sobre quaisquer assuntos, inclusive sobre assuntos que não atravessam as suas vivências, o que gera um silenciamento de grupos subalternizados. Assim, a noção de lugar de fala surge da necessidade de reconhecer a importância de que as pessoas que têm uma experiência específica falem sobre essa experiência, sem que isso signifique uma justificativa para que as pessoas não se manifestem sobre os temas. Como exemplo, quando um homem branco fala sobre racismo, está partindo da “branquitude”, não a partir da vivência do sofrimento de uma pessoa negra.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

M



MACUMBA (MACUMBEIRO(A))

Originalmente, macumba é o nome de um instrumento de percussão de origem africana. Esse termo, durante muito tempo, foi associado à feitiçaria praticada pela população negra em solo africano, expressas em suas vivências religiosas trazidas na colonização, através do tráfico negreiro.

Macumba, na atualidade, são as oferendas feitas às entidades cultuadas nas religiões de matrizes africanas, afro-brasileiras ou afro-indígenas, sendo chamada de ebó no Candomblé, e despacho na Umbanda. Identifica também aqueles praticantes dos mesmos cultos, os(as) macumbeiros(as). Como se observa socialmente, as palavras macumba/macumbeiro(a) quando utilizadas por pessoas que ignoram essas práticas, quase sempre têm forte conotação preconceituosa ou xingamento, não raro sendo associadas a coisas muito ruins e que representam riscos às pessoas e à sociedade, assim sendo carregadas de racismo religioso.

MARCO TEMPORAL

Marco temporal é uma tese jurídica segundo a qual os povos indígenas

têm direito de ocupar apenas as terras que ocupavam ou já disputavam em 5 de outubro de 1988, data de promulgação da Constituição, desconsiderando o processo de espoliação, grilagem ou esbulho de seus territórios tradicionalmente ocupados. Representantes dos povos indígenas afirmam que o marco temporal ameaça a sobrevivência de muitas comunidades indígenas e de florestas, já que a proteção constitucional aos direitos originários sobre as terras que os indígenas tradicionalmente ocupam, independe da existência de um marco temporal.

MESTIÇA (MISTIÇO)

O termo diz respeito a uma pessoa que tem ascendência de etnias/raças diferentes. No Brasil, a mestiçagem refere-se especificamente ao processo que ocorreu durante e após o período de escravidão, no qual houve sistemática prática de abusos sexuais perpetrados pelos senhores brancos contra as mulheres negras escravizadas, cujas crianças são resultado da mistura de etnias/raças.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glos-

MINORIA RACIAL (ÉTNICA)

O termo minoria se refere à noção de comunidades que representam agrupamentos e/ou diversidades de povos e identidades existentes no interior de uma sociedade/país que são distintas do padrão normativo padronizado e hegemônico da sociedade dominante - grupos concentram o poder político e simbólico.

As minorias raciais/éticas, não se referem a um número menor de quantidade de pessoas, mas sim a uma situação de desvantagem social, tendo seus direitos básicos, como acesso à educação de qualidade, moradia, saneamento básico e serviços de saúde negligenciados ou até cerceados.

MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

O mito da democracia racial é o entendimento de que o Brasil é um país em que não há discriminação racial, uma vez que legalmente não há qualquer barreira para a igualdade racial, nem um sistema legalizado de separação por raças/éticas. Desde a abolição formal da escravidão e da Proclamação da República brasileira, foi universalizado, em teoria, o direito à cidadania. Ou seja, todos seriam iguais, de modo que pessoas negras poderiam acessar todos os direitos que pessoas brancas acessam. Contudo, apesar de formalmente não haver barreiras de acesso a direitos para pessoas negras, a realidade é diferente: pessoas negras foram - e ainda são - privadas de diversos direitos ou têm maior dificuldade em acessá-los do que pessoas brancas, como o direito à educação, saúde, tra-

balho, dentre outros. Esse mito de que o Brasil seria um país de “democracia racial” - ou seja, de igualdade de direitos raciais - foi amplamente difundido por Gilberto Freyre, em seu livro *Casa-grande & Senzala*, de 1933, e foi fundamental para o desenvolvimento do imaginário de que não há preconceito racial no Brasil. A inclusão das pessoas negras na sociedade foi a partir de uma romantização da miscigenação, do “povo mestiço”, mas sem que pessoas negras tivessem, de fato, as mesmas oportunidades e direitos que pessoas brancas. Por isso a democracia racial é considerada um mito, pois a realidade é bem diferente do discurso propagado.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Glossário Antidiscriminatório*. Volume 3-
Raça e Etnia. 2022

MORENA (MORENO)

Termo popularmente utilizado para descrever pessoas negras, principalmente aquelas de pele clara, similarmente ao termo “pardo” ou “mulato”. Devido a um contexto de miscigenação e racismo enraizado na cultura brasileira, muitas pessoas entendem que utilizar o termo “negra” ou “negro”, ou mesmo ser visto como uma pessoa negra, é algo negativo ou pejorativo, de modo que utilizam termos como “morena”, “moreno”, para “suavizar” a descrição de uma pessoa negra. Contudo, o termo correto para descrever pessoas negras é mesmo “negro” ou “negra”, ou ainda “preto” ou “preta”.

MOVIMENTO NEGRO

Chamamos de movimento negro um conjunto de movimentos sociais histó-

ricos que lutam pela igualdade social e de direitos para a população negra e pelo fim do racismo, pela igualdade social e de direitos entre negros e brancos, sobretudo no mundo ocidental, marcado pela escravização de povos africanos. Uma grande conquista para o movimento negro no Brasil, por exemplo, foi o estabelecimento do dia 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra.

MULATA (MULATO)

O termo, no sentido denotativo, refere-se à mula, sendo o animal filhote resultante do cruzamento do jumento com a égua ou do cavalo com a jumenta. A palavra passou a ser utilizada, por volta do século XVI, como analogia para se referir aos filhos de mães negras e pais brancos, o que ocorreu, durante e após o período de escravização, em razão do processo sistemático de práticas de abuso sexual de senhores brancos contra mulheres negras escravizadas. O uso do termo nesse sentido traz conotação racista, pois reforça a ideia de animalização do povo negro, sendo

a jumenta considerada uma raça inferiorizada em comparação ao cavalo e a hipersexualização de mulheres negras.

MULHERISMO

Apesar de não haver um conceito único, mulherismo, de forma geral, é um termo utilizado para descrever movimentos e teorias de enfrentamento às opressões de gênero e de raça, colocando em destaque a questão da raça. Katiúscia Ribeiro, filósofa e professora, aponta que o mulherismo volta-se para a busca nas formas como mulheres negras se organizavam politicamente em África antes do processo de colonização. Assim, Katiúscia explica que o mulherismo não é um movimento antagônico ao feminismo negro, mas outra proposta política de organização a partir de uma perspectiva africana.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022



NEGRA (NEGRO)

De acordo com o Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/2010), a população negra é o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito raça/cor usado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No Brasil, em razão dos longos anos de escravização, das tentativas estatais de branqueamento da população e do racismo estrutural, historicamente viu-se um afastamento das pessoas do termo negro. No entanto, especialmente a partir dos anos 1970, os movimentos negros brasileiros passaram a reivindicar a declaração enquanto pessoas negras, ressignificando o uso do termo como algo positivo, com o objetivo de unificar a população afrodescendente nessa categoria. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2019, há 56,2% de pessoas negras, considerando aquelas que se autodeclaram como pretas ou pardas no Brasil.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

NEGRIUDE

A palavra négritude em francês deriva de *nègre*, termo que no início do século XX tinha um caráter pejorativo, utilizado normalmente para ofender ou desqualificar o negro, em contraposição a *noir*, outra palavra para designar negro, mas que tinha um sentido respeitoso.

O ensaísta e poeta Aimé Césaire, da Martinica, juntamente com Léopold Senghor, professor, poeta e político senegalês foram os precursores do movimento da négritude. O conceito foi criado na década de 30 do século XX, em plena colonização da África Subsaariana. Naquele contexto, a história, cultura e a identidade africanas eram negadas para justificar e legitimar a missão civilizadora. Segundo os colonizadores, os negros africanos deveriam assimilar os valores culturais ocidentais e rejeitar sua ancestralidade, história, cultura e identidade africanas. O movimento négritude teve a intenção de inverter o sentido da palavra négritude ao pólo oposto, dando-lhe uma conotação positiva de afirmação e orgulho racial.

NAGÔS

Grupo étnico-linguístico da África Ocidental, vindos da Costa da Mina, região onde hoje localizamos os países de Gana, Togo, Benim e Nigéria. Chegaram ao Brasil na diáspora negra, sendo chamados genericamente de sudaneses, oriundos de várias etnias, entre elas os jejes, yorubás, haussás, mahis e mandingas. O termo nagô portanto é genérico, pois inclui nações com grande diversidade linguística. Muitos elementos de sua cultura fazem parte da formação da cultura afro-brasileira, como exemplos, o candomblé jeje nagô - religião que tem como fundamento o culto aos Orixás, e as tranças nagô - herança estética e símbolo de resistência do povo negro.

NECROPOLÍTICA

Toda forma de exercício de soberania que se manifesta na expansão da lógica colonial e se perpetua diante da morte daquele que é concebido enquanto “o outro”.

ORIXÁS

Nas religiões de matriz africana, orixás são as divindades da cultura yorubá ligadas à natureza e a vida, considerados ancestrais comuns a determinados povos africanos. Segundo a cosmogonia yorubá, os orixás são energias primordiais criados e enviados por Olodumare para a criação do mundo e após isso, ensinaram e auxiliaram a humanidade a viver no planeta. Em razão do sincretismo imposto que fez parte da resistência e sobrevivência negra no Brasil colonial, os orixás foram associados aos santos católicos. Porém, na atualidade, há o reconhecimento de que cada orixá tem sua especificidade e origem ancestral africana, não necessitando para seu culto a comparação a santos, já que em seus itans (mitos) são descritos com personalidades, histórias, desejos e assim como a Humanidade, são movidos por toda gama de sentimentos.



PARDA (PARDO)

É uma das categorias oficiais utilizadas no Brasil no que se refere à classificação étnico-racial pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). O termo, de acordo com os censos oficiais brasileiros, data de 1872, quando se referia às pessoas oriundas de relações interracialis entre pessoas pretas e pessoas brancas. Os movimentos negros e pesquisadores(as) apontam que as pessoas que se autodeclararam pardas compartilham semelhanças nos indicadores sociais com as pessoas que se autodeclararam pretas, uma vez que o racismo atinge ambos os grupos. A partir dos anos 1970, os movimentos intensificaram a discussão acerca das problemáticas do termo “pardo”, argumentando que, em um contexto de mito da democracia racial, utilizar o termo “pardo” em detrimento de “preto” ou “negro” é uma tentativa de invisibilizar a população negra. Assim, uma conquista do movimento negro foi a previsão, no Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.228 de 2010), da população negra enquanto o conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas ou pardas.

PESSOA RACIALIZADA

No Brasil, o termo refere-se àquelas

pessoas que se reconhecem, enquanto categoria étnico-racial, sejam elas brancas, negras (pretas e pardas), indígenas ou amarelas. Nesse contexto, apesar de geneticamente não haver diferenças raciais, a racialização é o processo que, desde o início da colonização, demarcou diferenças para as pessoas a partir de suas raças. Assim, esse processo se deu a partir de discursos hierarquizantes que, ao longo dos séculos, colocou a pessoa branca, inicialmente descendente de europeu, como o padrão social, enquanto que as pessoas negras, indígenas e amarelas foram colocadas como “os outros”. O termo “pessoa racializada” não exige a branquitude de se inserir no debate racial, reconhecendo-se enquanto uma categoria racial.

PEQUENA ÁFRICA

Região localizada na zona portuária do Rio de Janeiro que abriga muitos conhecimentos afro-brasileiros. Desenvolveram-se ali o samba e as religiões de matriz africana. Composta pelos bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, desde a Praça Mauá até a Cidade Nova, na região portuária do Rio de Janeiro. O nome, cunhado pelo artista Heitor dos Prazeres, se referia a uma região onde havia grande pre-

sença de escravizados alforriados e comunidades quilombolas. A Pequena África marcava a existência de diversos locais que definiam o espaço como território de influência africana, como as rodas de samba na Pedra do Sal e o candomblé da Tia Ciata, na Praça Onze.

POVOS DE TERREIRO

Expressão que designa aquela população que vive e se organiza a partir dos valores civilizatórios de matrizes africanas, através das práticas religiosas vividas no Candomblé, na Umbanda, Omolocô, Quimbanda e demais manifestações religiosas afro-brasileiras ou afrodiaspóricas.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

POVOS ORIGINÁRIOS

Expressão que define os descendentes dos povos que ocupavam o território antes dos colonizadores europeus. No caso brasileiro, o reconhecimento dos povos indígenas por seu direito originário à terra.

PRECONCEITO RACIAL

Ideias pré concebidas sobre grupos ou pessoas racializadas, criadas a partir de estereótipos construídos socialmente, que muitas vezes, resultam em atitudes discriminatórias. Segundo o intelectual Silvio Almeida, o preconceito se distingue da discriminação racial no sentido de que o preconceito se atrela a ideias, enquanto a discriminação racial se relaciona a ações.

PRETA (PRETO)

“Preta” e “preto” referem-se àquelas pessoas que possuem ascendência africana. É uma das categorias oficiais utilizadas no Brasil no que se refere à classificação étnico-racial pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

PRETOGUÊS

Neologismo criado pela grandiosa intelectual Lélia Gonzalez, para se referir ao processo de africanização da língua portuguesa no Brasil. As pessoas negras escravizadas resistiram ao sistema escravocrata das mais variadas formas, sendo uma delas através da língua. A africanização do português se enraizou, de diferentes formas, em todo o território brasileiro, por palavras e modos de se comunicar oriundos de África. Por exemplo, vem de África o fato de conversarmos cantando em algumas regiões do país, como também o uso constante da dupla negação (“não vai querer não”) ou a redundância (“subir pra cima”), além da troca do “l” pelo “r” (“Framengo” no lugar de “Flamengo”, por exemplo), bem como o universo de palavras africanas que usamos diariamente, como muvuca, caxumba, moleque, cachaça, cafuné, quitanda, fubá, entre tantas outras.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022



QUILOMBISMO (QUILOMBAGEM)

Termo definido pelo ativista da luta negra brasileira, Abdias Nascimento. Para ele, o quilombismo é um legado e uma proposta de mobilização política da população afrodescendente nas Américas com base na sua própria experiência histórica e cultural. O conceito foi inspirado nos antigos quilombos - agrupamentos da população negra, que resistiram à escravidão no período colonial, criando um ambiente comunitário de sobrevivência e subsistência, marcado por sua luta por liberdade e dignidade. No Brasil, a maior referência seria o Quilombo de Palmares, liderado por Zumbi, que resistiu durante aproximadamente 100 anos as várias tentativas de destruição por parte da Coroa Portuguesa.

QUILOMBO (QUILOMBOLAS)

Segundo Abdias Nascimento, quilombos ou mocambos foram “uma das primeiras experiências de liberdade das Américas”. No passado, comunidades de pessoas negras que sofreram a escravização de seus corpos em senzalas e a negação de sua humanidade, bem como da população indígena e brancos pobres - populações que se formaram a partir de variadas situações de resistência territorial, social e cultural. Atualmente quilombos são aquelas comunidades remanescentes de parentes dos descendentes africanos que viveram o sofrimento da escravidão e que, unidos por um sentimento de pertença comunitária, vivem, se organizam e se autorreconhem como grupo, mantendo vínculos societários pela reminiscência de sua ancestralidade.

R

RACISMO RACISMO
RACISMO RACISMO
RACISMO RACISMO
RACISMO RACISMO
RACISMO RACISMO
RACISMO RACISMO
RACISMO RACISMO



RAÇA

Por muito tempo, raça foi compreendida como um fator biológico, em que haveria diferenças genéticas entre grupos raciais diferentes, e essas diferenças justificariam que um grupo racial subjugasse e explorasse o outro, como aconteceu com a escravidão de pessoas negras. Contudo, cientificamente esse conceito de raça não se sustenta, pois não há diferenças biológicas que apontem que um grupo racial seja inferior ao outro, ou mesmo que exista qualquer diferença significativa entre pessoas de raças diferentes. O conceito de raça vem sendo determinado a partir de critérios sociais e históricos, principalmente traços fenotípicos (aparência) e culturais observados nos indivíduos. A construção social do conceito de raça – e das raças em si – muda ao longo do tempo, o que permite a criação e modificação de identidades raciais diferentes; assim, se as definições raciais são modificadas a partir do contexto histórico, social e cultural, a definição do que é racismo também será influenciada. Portanto, o conceito de raça não pode ser compreendido biologicamente, tampouco de forma isolada da história, pois seu sentido está atrelado às circunstâncias históricas e

territoriais que determinaram a separação de seres humanos em raças.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

RACISMO

O racismo é compreendido através da visão segundo a qual existe uma relação hierárquica entre as raças, o que conferiria traços de superioridade para o grupo social hegemônico (que lidera, comanda e domina). É um processo ideológico, político, social, econômico, cultural e histórico que funciona por meio de violações de direitos e violências contra um grupo humano cujos corpos estão mais distantes do acesso a direitos, espaços de poder e oportunidades e mais próximos das exclusões, discriminações e preconceitos. Ao mesmo tempo em que o racismo cria e recria obstáculos para as pessoas racializadas, ele age na promoção da permanência de facilidades de acesso e privilégios em favor do grupo racial dominante.

RACISMO AMBIENTAL

Reconhecimento de que injustiças sociais recaem de forma desproporcional sobre pessoas racializadas, como

comunidades de pessoas negras e/ou indígenas. O termo surgiu a partir de discussões sobre Justiça Ambiental, em que movimentos sociais nos Estados Unidos passaram a questionar a maior exposição a riscos ambientais de grupos de cidadãos pobres e de etnias discriminadas. No Brasil, situações de injustiça ambiental podem ser localizadas nos vazamentos e acidentes químicos, a morte de rios e lagos, doenças e mortes causadas pelo uso de agrotóxicos ou poluentes, a expulsão de comunidades tradicionais pela destruição de seus locais de vida e trabalho, dentre outras situações. Muitas comunidades quilombolas e indígenas, por exemplo, têm maior dificuldade de acesso à água potável e saneamento básico e comunidades negras e pobres estão mais sujeitas a desabamentos e deslizamentos.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

RACISMO ESTRUTURAL

Podemos compreender o racismo como estrutural a partir da ideia de que ele é parte do alicerce que funda a sociedade brasileira, ou seja, uma nação alicerçada em bases racistas contra pessoas negras. O que significa uma multiplicidade de obstáculos estruturais para o acesso dessas pessoas a direitos e oportunidades, por um lado; e, por outro, facilidades e privilégios para pessoas brancas. O racismo é a regra na sociedade brasileira, não uma exceção, e por isso ele atravessa todas as relações e está presente na formação de todos os sujeitos, não importa a cor/raça, a classe social e o engajamento político. Nas palavras de Sílvia Almeida, ele “é uma decorrência da própria estrutura

social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural.”

RACISMO INSTITUCIONAL

Reprodução, por parte de instituições públicas e privadas, das hierarquizações raciais presentes numa sociedade. Nesse processo de se alimentar e também contribuir para a manutenção de uma ordem social racista, as instituições acabam reproduzindo práticas, normas e demais estruturas racistas. Um dos principais resultados do racismo institucional é a oferta desigual de serviços, bens e oportunidades entre os distintos grupos raciais, dinâmica que também colabora para que tenhamos uma sub-representação da população negra nos espaços de poder em contrapartida a uma super-representação da população branca nesses mesmos espaços. Reconhecer a presença e os mecanismos de funcionamento do racismo institucional é fundamental para que possamos enfrentá-lo.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

RACISMO RECREATIVO

O humor racista é aquele que reproduz estereótipos sobre pessoas racializadas – negros, asiáticos, indígenas –, atribuindo-lhes defeitos morais que seriam inatos à raça. Em geral, propaga e reproduz imagens negativas de minorias raciais, tendo por consequência danos físicos e/ou psicológicos às pessoas retratadas por aquele estereótipo. Esse humor baseado em estereótipos e ofensas relacionadas à

raça é o chamado racismo recreativo. O racismo recreativo é baseado em percepções e construções culturais de um grupo racial dominante. A reprodução desses estereótipos e ofensas, a partir da “piada”, auxilia na criação de uma visão unitária e um sentimento de solidariedade entre aqueles que detêm o poder político e cultural, que se unem a partir da diferença e subjugação do outro. O racismo recreativo legitima diversas práticas discriminatórias, de modo a desestimular qualquer mudança social, podendo ser usado, portanto, como ferramenta de manutenção de desigualdades e da organização hierárquica que beneficia pessoas brancas. Tudo isso com um véu de entretenimento e recreação, ao mesmo tempo em que as classes minoritárias continuam ou têm repetidas ofensas raciais. Para que uma piada seja racista, ela pode ter um cunho depreciativo racial, ofender diretamente um grupo ou indivíduo racializado ou, ainda, propagar uma visão de mundo em que algumas raças são inferiores a outras.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

RACISMO OBSTÉTRICO

Negação, precarização ou violência no atendimento à gestação, parto e pós-parto vivenciado por pessoas racializadas ou não brancas. Exemplo: Negação de analgesia durante o parto de mulheres negras ou indígenas por serem vistas como mais fortes ou boas parideiras.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

RACISMO RELIGIOSO

Em um contexto de domínio discursivo sobre o que é religião, o racismo religioso é definido por todo e qualquer ato de negação ou violação ao direito à vivência de fé praticada por grupos negros, mulçumanos ou outros, causando perseguição aos adeptos, seus símbolos e territórios ou mesmo aos espaços sacralizados onde praticam as suas crenças. No Brasil, as diversas religiões de matriz africanas são os principais alvos de grupos sectários praticantes do racismo religioso.

RACISMO REVERSO (POR QUE NÃO EXISTE)

É a concepção equivocada de que pessoas brancas podem sofrer racismo. Como movimento de oposição às lutas antirracistas, o chamado “racismo reverso” é uma construção retórica que visa desconstruir toda uma pauta democrática que tem demonstrado que não teremos democracia no Brasil enquanto a sociedade brasileira seguir estruturada em bases racistas. Em outras palavras, o racismo é um fenômeno que não pode atingir pessoas brancas porque não existe, no Brasil, uma estrutura social que empurra corpos brancos para lugares subalternizados como ocorre com os corpos racializados, principalmente negros e indígenas. Nesse sentido, não é possível que exista racismo reverso, ou seja, não há racismo contra pessoas brancas.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

RACISMO SOCIAL

O racismo social parte da noção de que a humanidade está dividida em

raças, sendo algumas tidas como superiores a outras. O conceito ganhou destaque na mídia e nas pesquisas acadêmicas a partir do julgamento de ações no Supremo Tribunal Federal, em 2019, que tiveram por conclusão o enquadramento de práticas homotransfóbicas como crime de racismo. Naquela oportunidade, os Ministros da Corte entenderam por adotar a noção de racismo para além de aspectos antropológicos ou biológicos, priorizando os aspectos sociais que subalternizam e tornam vulneráveis determinados grupos sociais. Portanto, o conceito de racismo para o STF não se restringe a questões como cor da pele, etnia ou ascendência, mas abrange, inclusive, situações de agressão injusta resultantes de discriminação ou de preconceito contra pessoas em razão de sua orientação sexual ou em decorrência de sua identidade de gênero. Por fim, a noção de racismo social também parte de uma crítica aos momentos históricos em que a ciência apontava erroneamente que as pessoas deveriam ser diferenciadas por raças em razão de diferenças biológicas. Esse pensamento provocou algumas consequências, por exemplo, os estudos de crânios de pessoas negras para justificar uma suposta tendência biológica dessas pessoas a praticarem ações tidas como criminosas.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

São todas as diversas formas de ressignificação da prática de fé que tem como força-motriz as divindades cultuadas em África e trazidas para as

Américas através da violenta história da colonização desse continente. Devido aos séculos de escravidão da população negra em nosso país, o que veio da cultura negro-africana passou a ser incompreendido, demonizado ou marginalizado por grande parte da sociedade, porém em suas diversas práticas, podemos citar como características o culto à ancestralidade, o respeito à sabedoria dos mais velhos, as forças e leis que regem a natureza, a partilha de alimentos ritualísticos e acolhimento a todas as pessoas, independentemente de cor, credo, classe social, escolaridade ou orientação sexual. Uma das religiões de matriz africana mais cultuada no Brasil é o Candomblé. É dividido em três grandes “nações” que se distinguem, principalmente, pelos conjuntos de divindades e pelo idioma proferido nas cerimônias religiosas, sendo elas:

- Nação Angola: cultua-se os Inquices/Nkises. O idioma utilizado nas cerimônias religiosas é o kimbundu, umbundu ou kikongo, sendo Nzambi a força criadora primordial.
- Nação Jeje: cultua-se os Voduns. Seu idioma é o Ewe e língua Fon. Mawu é seu ser supremo.
- Nação Nagô: cultua-se os Orixás. O idioma utilizado é o iorubá e o criador supremo é Olódùmarè /Olorun. Outra religião de matriz africana, a Umbanda, por seu aspecto mestiço e sincrético, é considerada uma religião genuinamente brasileira, que sintetiza vários elementos das religiões africanas e cristãs como o Candomblé, o Catolicismo e o Espiritismo. Pode ser entendida como o culto que os espíritos encarnados prestam a Deus através dos orixás e das entidades ou

guias protetores (espíritos ancestrais) que podem ser incorporados por médiuns durante os cultos nos terreiros.

REPRESENTATIVIDADE

O termo “representatividade” pode ser analisado a partir de duas abordagens. Na primeira, diz respeito à possibilidade de representação política por meio de eleições, de referendos, de plebiscitos, de projetos de lei de iniciativa popular ou de audiências públicas. Na segunda, a representatividade está relacionada às reivindicações de grupos socialmente minoritários, que, apesar de não serem minoria em quantidade, são em representatividade nas instituições sociais. Assim, aponta-se a importância da representatividade, pois ela influencia na construção da subjetividade e da identidade das pessoas que integram o grupo. Além disso, a discussão sobre representatividade passa pela falta de representação de minorias sociais em cargos de autoridade nas instituições, como órgãos da Justiça, escolas, mídias etc., o que influencia diretamente na vida das pessoas.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

RESERVA

TERRA TRADICIONAL INDÍGENA

Diferente do conceito de Terra Tradicional Indígena, as Reservas/Terras Indígenas são propriedades da União que, de origem, por aquisição ou por doação, são transferidas pelo Governo Brasileiro para usufruto permanente de uma determinada etnia indígena. Segundo a Constituição Federal, as Reservas/Terras Indígenas são territórios de ocupação tradicional, são bens da União, sendo reconhecidos aos indígenas a posse permanente e o usufruto das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes.

RETOMADA

Ato de luta pela reconquista de um determinado território de uso coletivo por uma comunidade tradicional. As retomadas ocorrem como instrumento para garantir a não transferência ou não destruição de um território por um empreendimento ou reconfiguração de uso, como a criação de parques ou áreas de conservação que ignorem a presença ancestral de determinado grupo tradicional naquele espaço.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022



SABERES ANCESTRAIS SABERES TRADICIONAIS

Conjunto de conhecimentos, técnicas e entendimentos que, transmitidos de geração a geração, persistem no interior de determinados grupos sociais e caracterizam aspectos da relação do grupo com o meio ambiente, o trabalho, a relação mítica, etc. São importantes instrumentos para entender as mudanças que ocorrem no interior de uma determinada cultura em sua dinâmica de pertencimento ao mundo à medida que essa comunidade contacta outras formas de conhecimento.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

SEGREGAÇÃO RACIAL

Regime de discriminação entre grupos sociais a partir de critérios étnico-raciais. A segregação racial ou apartheid pode variar de território para território, basear-se em diferentes justificativas, bem como impor distintas formas de restrição às pessoas em uma dada sociedade. Em geral, sociedades racialmente segregadas possuem em comum uma atmosfera que, a partir da noção de superioridade racial, concede privilégios a um

grupo racial em detrimento do outro. Internacionalmente, os exemplos mais conhecidos de países que viveram a segregação racial institucionalizada são EUA e África do Sul.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

SINCRETISMO

Filosoficamente, sincretismo é um sistema que combina os princípios de diversos sistemas ou a fusão de concepções diferentes. O termo sincretismo também é conhecido em um sentido pejorativo, sendo criticado como uma forma de diluir ou enfraquecer culturas e tradições originais ou de perpetuar relações de poder desiguais entre diferentes grupos culturais ou religiosos. No Brasil, o termo foi relacionado à junção dos conhecimentos da África vindos pela diáspora negra - fundamentais para a construção da cultura e do povo brasileiro - que foram misturados às culturas dos povos originários e principalmente, de forma imposta, à cultura dos colonizadores europeus.

O sincretismo religioso é um processo cultural que envolve a fusão de diferentes tradições, crenças e prá-

ticas para a formação de uma nova doutrina religiosa e/ou expressões de cunho cultural e filosófico.

SOLIDÃO DA MULHER NEGRA

Em uma sociedade estruturada por discriminações como o racismo, o sexismo, a LGBTfobia, o capacitismo etc., há a construção de padrões de beleza que determinam quais são os corpos almejados, que, em regra, são cis, héteros, brancos, magros e sem deficiências. Assim, quando alguém não se encaixa no modelo relacional que é colocado como o ideal, isso é tido como uma incapacidade particular, não como consequência de noções construídas e socialmente impostas. Nessa busca pelo ideal,

alguns corpos/ vivências são colocados em um lugar de preterimento. De acordo com o IBGE de 2010, 52,2% das mulheres negras não vivenciavam relações estáveis naquele momento, ilustrando a ideia de solidão da mulher negra, como resultado direto da sobreposição de opressões de gênero e de raça. Ademais, a solidão da mulher negra não diz respeito apenas aos obstáculos nos relacionamentos, mas também à falta de representatividade nos espaços.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022



TERRA TERRITÓRIO TERRITORIALIDADE

Entendimento de que a existência de um território é uma das primeiras condições para a existência social de determinado grupo humano, ao ocuparem esse espaço amplo que compreende as terras de uso comum e aquelas por onde o grupo tem como referência. Alguns exemplos são cachoeiras sagradas ou uma determinada região de panha de folhas medicinais.

TERREIRO

Termo utilizado para identificar os espaços destinados aos cultos das mais diversas religiões de matrizes africanas ou afro-brasileiras praticadas no Brasil. Terreiro, Roça, Centro ou Ilê são expressões que identificam esse espaço e que variam em virtude da diversidade regional no Brasil.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

TRÁFICO ATLÂNTICO

Trata-se da atividade de comercialização, realizada pelas grandes na-

vegações no oceano Atlântico entre os séculos XVI e XIX, onde milhares de africanos perderam sua condição humana ao serem capturados e transformados em mercadoria negociável, que envolveu sujeitos de três continentes: Europa, África e América, culminando na escravidão negra, da qual o Brasil participou intensamente.

Essa retirada forçada de homens, mulheres e crianças do continente africano para a diáspora americana, marcou a formação do mundo moderno e a criação de um novo sistema econômico mundial marcada por um processo de anulação, invisibilidade e violência contra os corpos negros, justificada, na época, por sua classificação como não humanos, por falarem línguas distintas daquelas faladas pelos europeus e por terem outras vivências no campo das religiosidades, distintas do cristianismo.

Nos primeiros 50 anos do comércio transatlântico de escravos, os povos africanos eram majoritariamente provenientes da região da Alta Guiné, onde hoje estão Senegal, Mali, Guiné-Conacri e Guiné-Bissau. Em seguida, passaram a preponderância da região onde hoje estão Angola, República do Congo, Gabão e República

Democrática do Congo e por último, da chamada Costa dos Escravos, que compreendia o território onde estão Nigéria, Camarões, Togo, Benin e Gana.

TRIBO (ALDEIA)

Durante um período longo, os termos tribo/tribal no Brasil, eram associados a uma ideia de sociedade selvagem ou autóctone, ou seja, atrasada em relação à sociedade envolvente, não indígena. Aldeia/aldeamento, por sua vez, traduzem o processo de agrupamento de grupos originários, promovi-

do pelo sistema colonial, como estratégia para a dominação e socialização dessas pessoas a partir dos valores morais e religiosos dos dominantes. Na atualidade, os termos Tribo/Aldeia são ressignificados e são comuns como forma de identificação de determinado território ocupado por povos indígenas e/ou originários.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Glossário Antidiscriminatório. Volume 3- Raça e Etnia. 2022

U, X & Y

UMBANDA

Em Angola, na África, o termo Umbanda significa medicina tradicional ou prática tradicional de cura, sendo a pessoa responsável por essa prática médica chamado de kimbanda.

No Brasil, o conceito angolano foi reinterpretado, tornando-se uma religião de matriz africana oriunda do encontro das diversas religiões africanas trazidas pelas populações negras escravizadas, de encontro com o Catolicismo, Espiritismo e as religiões indígenas, promovendo o contato com o mundo transcendental, através da iniciação dos médiuns. Alguns estudiosos apontam a origem da Umbanda no Rio de Janeiro, em 1908, através do médium Zélio de Moraes a partir da incorporação espírita do Caboclo Sete Flechas, que teria determinado sua criação.

UBUNTU

Segundo o Professor Renato Nogueira, Ubuntu trata da ética das relações das pessoas consigo e com as outras - uma existência comunitária antirracista. Ubuntu pode ser traduzido como o que é comum a todas as pessoas; o conjunto de pontos de vista, modo de existir, estratégias, sistemas e modos de pensar e viver de matrizes africanas, ou seja, uma re-existência segundo a afroperspectiva, configurando a vida humana coletivamente, trocando experiências, solidificando laços de apoio mútuo e

aprendendo sempre com os outros.

XENOFOBIA

Atos de preconceito, racismo, hostilidade e anulação ao estrangeiro ou àquele grupo étnico distinto do padrão normatizador da identidade de uma nação. Como exemplo, os refugiados venezuelanos da etnia Warao (povo da água na língua materna), que são um grupo étnico constituído originalmente há mais de oito mil anos na região do delta do Rio Orinoco, na Venezuela. Atualmente, no Brasil, essa etnia sofre diversos tipos de preconceito - em razão de seu país de origem, e também a sua identidade indígena.

YORUBÁ OU IORUBÁ

Também conhecidos como nagôs, os yorubas são um dos maiores grupos étnico-linguísticos da África Ocidental - sudoeste da Nigéria, Daomé e Togo. Sua cultura foi introduzida no Brasil pelos negros da Costa dos Escravos - território onde hoje se localizam a Nigéria, Camarões, Togo, Benin e Gana. A cultura yorubá resistiu à escravidão, trazendo conhecimento para o povo brasileiro, influenciando no uso cotidiano de palavras como, por exemplo, acarajé e abadá, quanto na religião, através da prática do Candomblé e do culto a inúmeras divindades como Xangô, Ogum, Oxum, entre outros orixás.

**ALFABETO DE
EXPRESSÕES RACISTAS:
O PORQUÊ NÃO USAR**

A coisa tá preta

A expressão associa pessoa negra a coisas ruins. O sentido da expressão é falar sobre uma situação extremamente complicada ou a um problema de difícil solução. A forma mais correta, passando a mesma ideia, seria pelo uso de expressões como “a situação é difícil”, “o caso é complexo” ou “a coisa está complicada”.

A dar com pau

Expressão originada nos navios negreiros, quando muitos dos capturados preferiam morrer a serem escravizados e faziam greve de fome na travessia entre o continente africano e as Américas. Para obrigá-los a se alimentar, um pau de comer foi criado para jogar angu, sopa e outras comidas pela boca. Substituir pelas palavras bastante/muito.

Amanhã é dia de branco

Existem muitas hipóteses da origem da expressão “dia de branco” que, sob diferentes pontos de vista, poderia designar o uso de roupas claras para diminuir o calor, as vestimentas de marinheiros, médicos e professores ou até mesmo o dia de lavagem das roupas de cama e lençóis. Nos ambientes escravocratas, onde a sociedade econômica se sustentou pela escravização de pessoas negras e indígenas, essas eram associadas, pelos escravizadores como preguiçosas e ineficientes. O trabalho era associado à pessoa branca, o que na realidade era uma grande incongruência. A expressão da época designaria um dia de trabalho, de esforço, ao tempo que o período do ócio seria o “dia de negro”, mostrando-se repleta de preconceitos, pois associa a pessoa negra à preguiça. Substituir por “Amanhã é dia de trabalhar.”

Até tenho amigos que são negros

Frase geralmente utilizada como forma de defesa quando se aponta uma atitude ou fala racista. Recomenda-se repensar os comportamentos sociais e não usar essa expressão.

Barriga suja/limpa

A expressão “barriga suja” destina-se a designar mulheres que geram crianças negras, especialmente mulheres brancas que têm bebês de pele negra, ou mulheres que dão à luz prole com pele mais escura que a sua. Assim, a ideia é de que a barriga que gera descendentes de cor escura é impura, problemática. Trata-se de frase nitidamente misógina e racista, tendo em vista que deprecia a condição da mulher e das crianças negras, devendo, portanto, ser abolida do vocabulário.

Boçal

A palavra “boçal” é utilizada para designar uma pessoa considerada sem cultura, sem educação, rude, grosseira. Durante o período escravocrata, o termo era empregado para designar pessoas escravizadas que não sabiam falar português. Assim, seu uso rememora uma origem preconceituosa que deve ser superada, substituindo-se a palavra por outras, como “ignorante” ou “grosseiro(a)”.

Criado Mudo

Existe mais de uma explicação para essa expressão, sendo uma delas a de que o nome dado a esse móvel faz referência aos criados, geralmente pessoas escravizadas, que deviam segurar objetos para seus senhores e eram proibidos de falar. Substituir por mesa de cabeceira.

Da cor do pecado

Expressão bastante difundida em di-

ferentes regiões do Brasil, tema de músicas populares e título de uma novela de sucesso. Supostamente é considerada uma expressão de elogio, de louvor a cor da pele, mas é considerada racista pois, em uma sociedade majoritariamente cristã como a brasileira, a ideia de pecado não vem associada a coisas positivas. O pecado é aquilo que não é aceito por Deus e, por isso, deve ser evitado, tem de ser afastado da vida das pessoas corretas, e a expressão associa a cor da pele escura de alguém a um pecado. Devemos nos atentar que este pecado remete à luxúria, pecado do sexo e a expressão é direcionada às pessoas negras e as imagens demasiadamente sexualizadas que se fazem delas.

O uso da expressão remete ainda ao comportamento abusivo adotado pelos homens brancos que violentavam sexualmente mulheres escravizadas e encaravam com naturalidade tal comportamento, inclusive, atribuindo a responsabilidade pelos atos de violência às vítimas.

O termo não é elogioso e carrega diferentes vieses preconceituosos, merecendo ser abandonado.

Denegrir

A origem da palavra é latina e significa enegrecer, mas seu uso está associado à ideia de macular, manchar, sujar alguma coisa. A junção das duas coisas faz surgir a ideia de que tornar algo negro é negativo, que deve ser evitado, o que reforça a ideia preconceituosa que liga a pessoa negra a coisas ruins. Trata-se de mais um termo que deve ser abandonado, por trazer embutida uma carga racista muito forte, que pode ser trocada, por exemplo, por “difamar” ou “caluniar”.

Disputar a nega

A expressão “disputar a nega” pretende fazer referência à derradeira partida de um jogo ou à rodada de desempate para definir a vitoriosa ou o vitorioso. A origem do termo, como em alguns outros casos, possui caráter racista e misógino, pois no período da escravidão, homens brancos que possuíam pessoas escravizadas comumente se reuniam para disputas de lazer cuja premiação era a posse de uma mulher escravizada. Há registros de que os feitores também realizavam disputas pelo direito de castigar as mulheres mais atraentes para que tivessem oportunidade de abusar sexualmente delas. Substituir por partida de desempate.

Doméstica/o

A palavra deriva do termo domesticado, remetendo a algo que se tornou amansado/dominado. Carrega consigo a trajetória de pessoas negras escravizadas que eram domesticadas através de torturas para trabalhar nos casarões.

Substituir por Funcionária(o) / Auxiliar do lar/ Faxineira(o)

Esclarecer

Significa tornar algo claro, trazer luz sobre determinado assunto. Seu uso é corriqueiro. À primeira vista, não há nada de errado com a palavra e seu uso, contudo embute-se nela o racismo a partir do instante em que transmite a ideia de que a compreensão de algo só pode ocorrer sob as bênçãos da claridade, da branquitude, mantendo no campo da dúvida e do desconhecimento às coisas negras. O mais adequado, nessas circunstâncias, seria o uso das palavras “explicar” ou “elucidar”, por exemplo.

Escravo

As palavras “escrava” e “escravo” possuem origem latina, podendo derivar de *sclavus*, ou seja, pessoa que pertence a outra, ou de *slavus*, isto é, eslava ou eslavo, um povo bastante escravizado na antiguidade. O debate em torno do uso da palavra refere-se ao seu sentido, pois os termos escrava e escravo passam a ideia de que a pessoa já nasceu sem liberdade, como algo inato à sua condição, ignorando o fato de que as africanas e os africanos foram trazidos(as) ao Brasil e forçados(as) a trabalhar nessa condição e assim não nomeando os responsáveis por essa ação, que foram os colonizadores. Nesse sentido, a palavra mais adequada para designar essa condição seria escravizado(a).

Estampa Étnica

A expressão faz referência a padronagens de tecidos que não tem relação com os modelos europeus, geralmente típicas de países africanos, asiáticos ou de populações indígenas, designando como étnico tudo que não for europeu ou branco. Para além disso, relaciona-se a ideia de étnico ao termo exótico e a falta de civilidade/desenvolvimento ao passo que se exaltam e naturalizam o que possui origem europeia. A melhor forma de se referir a tais padronagens é apontar sua origem com nitidez: estampa africana/estampa afro ou estampa indígena, por exemplo.

Feito nas coxas

A expressão é utilizada para designar algo realizado de modo apressado e descuidado, sem muito apuro. Não há certeza sobre as origens desse termo, mas uma das proposições é que a expressão faz referência ao hábito colonial de produção de telhas moldadas

nas coxas de pessoas escravizadas, trabalho realizado por produtividade e, por isso, mecânico e sem uniformidade. Outra alternativa seria a descrição do ato sexual sem penetração, entre as pernas, o que estaria associado a algo incompleto. Há, por fim, uma terceira referência, sobre a fabricação de charutos, que eram enrolados nas coxas das mulheres responsáveis por sua produção.

Ainda que não haja pleno consenso sobre as origens do termo, o linguajar cotidiano costuma associá-lo ao trabalho da pessoa negra, algo de baixa qualidade, malfeito, assim reproduzindo uma ideia racista que deve ser abandonada. Substituir por mal feito.

Galinha de Macumba/Chuta que é Macumba

Essas expressões são utilizadas para designar/chamar pessoas negras. Trata-se de duplo preconceito, pois, de um lado, compara uma pessoa negra a um animal, o que representa desprezo por sua condição e retira sua humanidade, e de outro lado, associa as práticas religiosas afro-brasileiras a coisas ruins. Nesse sentido, a expressão deve ser abolida do vocabulário.

Humor negro

A expressão pretende se referir a um tipo de comédia que foge dos padrões convencionais baseada em elementos mórbidos, macabros ou ilícitos, provocando o riso valendo-se de sustos ou choro.

É uma expressão que traz uma ideia preconceituosa, ao associar algo fora do padrão de normalidade à pessoa negra. Substituir por humor ácido.

Índio

Na ocasião das grandes navegações,

os navegantes portugueses a caminho das Índias alegaram ter confundido as terras americanas com as terras daquela nação, pelas semelhanças da cor da pele e estranhamento da língua falada pelos povos originários americanos. Pela comparação com os europeus, a terminologia foi associada a atraso, ignorância e selvageria, homogeneizando os povos indígenas às distintas sociedades, desconsiderando as suas diferenças, pluralidade, nações, traços culturais, costumes e crenças. Substituir por: indígenas, povos indígenas, povos originários.

Inveja Branca

A inveja é designada no imaginário cristão como um dos sete pecados capitais, ou seja, uma das condutas mais reprováveis que uma pessoa pode realizar. É a cobiça pelos bens, méritos, habilidades e outros atributos de uma pessoa.

Em nenhum sentido a inveja pode ser encarada como algo positivo. Contudo, o uso da expressão “inveja branca ou inveja boa” tenta canonizar o pecado, como se o adjetivo fosse suficiente para tornar a cobiça perdoável, aceitável ou mesmo elogiável.

Essa ideia estimula a dicotomia, ou seja, uma forma de pensar o mundo por meio de opostos, de que tudo de ruim deve ser associado à pessoa negra e tudo de bom, à branca. Sugestão: Admiro o que você fez e gostaria de fazer igual

Lápis Cor de Pele

Expressão usada de forma equivocada, ao considerar que os lápis de cor de tonalidades claras são os adequados para representar a pele humana sem considerar peles de tonalidades mais escuras. A ideia de que as cores claras são o padrão ideal para re-

presentar a pele humana é uma ideia racista. Sugestão: Os tons de bege devem ser chamados pelo nome que possuem e não devem ser associados à pele das pessoas.

Lista Negra

A expressão refere-se a um agrupamento de coisas ruins, proibidas, ilícitas ou que devam ser evitadas ou perseguidas. Ao usar essa expressão, portanto, estamos associando pessoas negras a coisas que não são socialmente aceitas e que devem ser evitadas ou inteiramente eliminadas. Sugestão: lista proibida.

Magia Negra

A expressão é associada a rituais ou práticas religiosas que são socialmente rejeitados tanto pelo seu conteúdo quanto pelo seu modo de ação. Concentra dupla discriminação: de um lado, associa a palavra negra a coisas malvistas e que devem ser evitadas ou afastadas; de outro, a ideia de que as manifestações religiosas negras contêm magia, são ruins e envolvem valores que devem ser rejeitados. Sugestão: rituais proibidos.

Meia tijela/de meia tijela

Expressão que tem origem no período da escravidão, onde os negros que trabalhavam a força nas minas de ouro e que nem sempre conseguiam alcançar suas metas, recebiam como punição apenas metade da tijela de comida e ganhavam o apelido de “meia tijela” que hoje significa algo sem valor, medíocre. Substituir por: Medíocre/mal feito.

Mercado Negro

Aplica-se essa expressão a um conjunto de ações comerciais ilícitas, que desrespeitam regras jurídicas

e morais, como exemplo, à venda de produtos proibidos ou obtidos a partir de atividades criminosas. Ao associarmos o adjetivo negro nessa expressão, reforçamos a imagem do que é negro tem caráter ilícito e ilegal como ao tráfico de crianças, drogas e armas, ao comércio de produtos contrabandeados ou ao objetos de furto. Substituir por: Mercado clandestino

Mulato(a) Exportação

O uso dessa expressão apresenta-se como tentativa de realizar elogios à beleza de uma mulher negra, tendo sua origem relacionada com o Brasil Export, show que ocorria no Rio de Janeiro em 1972, onde uma mulher negra que vestia shorts exibia em suas pernas e barriga os dizeres "Brasil Export". A expressão estimula a excessiva sexualização da mulher negra, inclusive, tratando-a como produto componente da pauta de exportação brasileira. Não há expressão possível para substituir esse termo racista.

Não sou tuas negas

Expressão utilizada para designar revolta ou incômodo com uma situação ou comentário. Não há consenso sobre sua origem, entretanto seu sentido evidencia possíveis conotações racistas e de caráter misógino. No período escravagista, as mulheres negras escravizadas eram comumente vítimas de assédio e abuso sexual por homens brancos, pois havia uma ideia disseminada de que elas sempre estavam disponíveis para a atividade sexual, o que não acontecia com as mulheres brancas, vistas como castas. Em outra análise, a expressão faz referência às mulheres negras escravizadas que pertenciam a determinado senhor, que poderia dis-

por delas como bem desejasse, inclusive sexualmente.

Nos dois sentidos, há uma depreciação da mulher negra, que é tratada como objeto, propriedade, sendo passível de suportar todo tipo de comportamento. Substituir por Me respeite!

Nega Maluca

A expressão é utilizada para identificar um conhecido bolo de chocolate e também a um personagem/fantasia carnavalesca, que traz o estereótipo de uma mulher negra, exagerando propositalmente, seus traços e aparência, associando essa mulher à falta de capacidade de discernimento, inteligência e autodeterminação, bem como a exposição da imagem dessas mulheres de forma vexatória ao serem retratadas como mal educadas/briguentas e hipersexualizadas. Substituir a expressão "bolo nega maluca" por "bolo de chocolate". A personagem e fantasia carnavalesca corresponde a uma prática de racismo recreativo, portanto deve ser eliminada.

Negra exótica/ Negra de traços finos

Essa expressão pretende trazer uma forma elogiosa ao se referir à pessoa negra, contudo, acaba embutindo uma ideia racista, pois associa a maior parte da negritude a traços grosseiros e feios, sendo aqueles que apresentam traços finos, ou seja, traços próximos a aparência das pessoas não negras, como belos e elogiáveis. Desse modo, a beleza negra estaria limitada a traços exóticos, ou seja aqueles que não são comuns; que não se parecem com negras e negros; na proximidade com o padrão eurocêntrico. O uso dessa expressão deve ser abandonado, não cabendo, nem sequer, sua substituição por sinônimos.

Negro(a) de alma branca

O uso dessa expressão repete a ideia de branqueamento da pessoa negra para que possa obter uma melhor qualificação/aceitação em uma sociedade estruturalmente racista, que considera as pessoas “quanto mais brancas, melhores”. Há nessa expressão uma tentativa de elogiar uma pessoa negra, porém trata-se de pensamento discriminatório e racista, pois faz referência à dignidade dela como algo que foi historicamente dito pertencer às pessoas brancas, ou seja, a alma. Uma variação dessa expressão é encontrada no título de uma antiga música cantada por Tião Carreiro e Pardinho, “Preto/a de alma branca”. A canção, escrita em meados de 1950, narra a ação de um negro que se sacrifica para salvar a vida de sua sinhá, associando a ideia de uma pessoa negra ao bom caráter. Há um enorme viés preconceituoso nessa expressão, tendo em vista que traz a ideia de que não existem, por natureza, pessoas negras que sejam dignas, boas, exemplares. Reafirma a percepção racista de que essas características são típicas apenas das pessoas brancas e que uma pessoa negra, para que as obtenha, deveria imitar uma pessoa branca. Não há substituições possíveis para essas expressões, devendo ser abolida.

Nhaca/Inhaca

Nhaca é uma ilha localizada na baía de Maputo, em Moçambique, que se tornou um destino turístico de destaque daquele país africano. Algumas fontes apontam que a palavra pode designar também um monarca, um líder moçambicano. No Brasil, desde o período colonial, a palavra nhaca ou inhaca e seus derivados são associados a odores corporais ruins. Trata-se do uso ra-

cista da palavra, pois associa um local ou líder africano a algo ruim. Substituir por mal cheiro, cheiro ruim.

Ovelha negra

A expressão possui diversos significados, tendo, na maioria das vezes conotação pejorativa ou mesmo racista. As ovelhas que possuíam tonalidades de lã mais escuras, ou mesmo pretas, dentro da cultura do pastoreiro, são consideradas menos valiosas comercialmente, porque sua lã não pode ser tingida. Entre grupos humanos, a chamada “ovelha negra da família” tem relação com uma pessoa que foge aos padrões aceitáveis, diferencia-se dos padrões esperados, fugindo das expectativas sociais ao não se adequar a seu grupo e sendo julgada mais severamente em seu meio. Muitos usam esse rótulo com orgulho e se distanciam do grupo que os desvaloriza e os exclui. Há nessa expressão, uma associação do que é negro/a com coisas ruins, desvirtuadas ou inaceitáveis, consequentemente, trata-se de expressão racista. Substituir por “pessoa ruim”.

Pé na cozinha

A expressão é utilizada com o fim de demonstrar que alguém possui entre seus antepassados uma pessoa negra. Porém há nuances racistas na expressão, pois parte do pressuposto de que o espaço ocupado por uma pessoa negra em uma casa seria apenas a cozinha. Outra associação possível é o fato de muitas mulheres escravizadas permanecerem na cozinha, inclusive no período de repouso, estando sujeitas ao assédio e mesmo à violência sexual por homens brancos. Não usar essa expressão.

Preto quando não caga na entrada, caga na saída

Expressão racista que atribui às pessoas negras um trabalho mal feito, assim como a expressão “trabalho de preto”. A negritude, contudo, possui inúmeras invenções para a humanidade, como o banco de sangue, o tratamento à laser da catarata, o GPS e os filmes 3D. Não usar essa expressão.

Programa de índio

Expressão usada para definir um programa ruim. É evidente o racismo nela expresso, uma vez que decorre da herança discriminatória contra os povos originários. Fundamenta-se na suposição de que os povos originários são menos interessantes, inferiores. Substituir por: Programa chato/ desinteressante.

Quando não está preso, está armado

A expressão faz referência aos cabelos crespos, associando-os, de forma bastante preconceituosa, ao ambiente da criminalidade. A ideia reproduz o pensamento de que os cabelos lisos representam o padrão de beleza da sociedade contemporânea, o que acaba estigmatizando todos os outros cabelos. A expressão deve ser abolida, não cabendo sua substituição por nenhuma outra. Não usar essa expressão.

Samba do crioulo doido

O uso dessa expressão tem como primeiro marco a música de mesmo nome composta por Stanislaw Ponte Preta, em 1968. O termo é utilizado para designar algo que não tem muito sentido, um ambiente desorganizado, confuso. Para tanto, associa a ideia de bagunça e falta de discernimento

à pessoa negra, referida pejorativamente na expressão como “crioulo”. A expressão pode ser facilmente substituída por palavras como confusão, desarranjo e bagunça.

Serviço de preto

A expressão possui dupla conotação. Em primeiro plano, pode significar trabalho feito de forma inadequada, incompleto, de baixa qualidade, o que embute a ideia de que apenas pessoas brancas podem realizar trabalho de qualidade e adequado. Sob outra perspectiva, pode significar trabalho pesado, trabalho braçal, aquele que não exige muito do intelecto. Ideia igualmente preconceituosa por externalizar o pensamento de que pessoas negras somente são capazes de exercer funções que necessitam da força física. Nos dois sentidos, a expressão deve ser abandonada por apresentar nítida conotação racista. Substituir por: Serviço mal feito

Volta pro mar, oferenda!

Utilizada quando se deseja afastar algo ou alguém, no sentido de incômodo com sua presença física. O termo associa coisas e pessoas indesejáveis às ofertas religiosas que, nas religiões de matriz africana, são oferecidas para lemanjá, orixá associada com as águas salgadas do mar e considerada a mãe dos outros orixás. A ideia de afastar de si algo ruim, indesejável, relacionado aos presentes encaminhados a uma divindade religiosa, pretende menosprezar a cultura e as religiões de matriz africana e reproduz evidente preconceito. Não há substituição possível, e a expressão deve ser abandonada.

Prefeito do Município de Jacareí

Izaías José de Santana

Secretário de Comunicação e Direitos Humanos

Bruno Castro

Subsecretária de Igualdade e de Direitos Humanos

Girlaine Dias dos Santos

Assessorias

Amanda Maximo

Bruno Guilherme dos Santos

Ivani de Melo

Juliana Aparecida de Moraes Faria

Maria Alice da Silva

Projeto Gráfico

Rew Koike

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA Brasileira de Letras. Afrofuturismo. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/afrofuturismo>

AJAYI, J. F. Ade. História Geral da África, vol.VI: África do século XIX à década de 1880. Brasília: UNESCO, 2010.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Editora Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais)

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Editora Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais)

ALVES, Enedina do Amparo. Rés negras, judiciário branco: uma análise da interseccionalidade de gênero, raça e classe na produção da punição em uma prisão paulistana. 2015. Dissertação. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3640>

ARRUTI, José Mauricio. Etnogêneses Indígenas. Sítio Eletrônico Instituto Socioambiental - ISA, São Paulo, S/D. Fonte: https://piib.socioambiental.org/pt/Etnog%C3%AAneses_ind%C3%ADgenas. Acesso em 10 de setembro de 2023.

BAHIA defensoria pública do estado. Dicionário de expressões (anti) racistas: e como eliminar as microagressões do cotidiano. /. - 1ª ed. - Salvador: ESDEP, 2021.

BIRMAN, Patrícia. O que é Umbanda. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense; 1985.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. Expressões racistas : como evitá-las [recurso eletrônico] – Dados eletrônicos (107 páginas). – Brasília : Tribunal Superior Eleitoral, 2022.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. 2005. Tese.

CRENSHAW, Kinberly. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista Estudos Feministas, ano 10, n. 1, 2002, p. 171-188.

DOMINGUES, P. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889- 1930). Diálogos Latino- americanos (on-line), v. 6, n. 10, p. 116-131, 2005. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/dialogos/article/view/113653>

EVARISTO, Conceição. A escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R (org.). Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FERREIRA, L. M. Sobre o conceito de arqueologia da diáspora africana. Revista Métis: história & cultura, vol. 8, n. 16, p. 267-275.

GOMES, Nilma Lino. Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03. Portal Geledés, 27/08/2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/educa>

cao-relacoes-etnico-raciais-e-alei-1063903/?gclid=Cj0KCQjwlvT8BRDeARIsAACRFiXxKETQmm-ZY77CxFYwgxqY18hPgl9ycmaYyIAHRTTpOIzxbTYpuY94aAsZdEALw_wcB. Acesso em: 10/10/2023.

GOMES, Nilma Lino. O movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Editora Vozes, 2017

INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Cartilha [de] enfrentamento do racismo no IFRS: por uma educação antirracista / Grupo de Trabalho Antirracismo : combate e Educação das [e para] relações étnico-raciais; coordenação Alba Cristina Couto dos Santos Salatino. - 1.ed. -- Bento Gonçalves, RS : IFRS, 2023.

LARAIA, Roque. Cultura, um conceito antropológico. Ed. Zahar, 2007.

LOPES, Nei. Novo dicionário Banto do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

MARTINS, Saul. Congado: família de sete irmãos. Belo horizonte: SESCOG, 1988.

MOREIRA, Adilson. Racismo recreativo. São Paulo: Editora Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais)

PIEADADE,Vilma. Dororidade. São Paulo: Editora Nós, 2017.

QUILOMBA, Grada. Memórias de Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano, 2019.

RIBEIRO, Djamila. Quem Tem Medo do Feminismo Negro? 3º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI, Alecsandra. Conceição Evaristo: "A escrevivência serve também para as pessoas pensarem". Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem>

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SILVA, Vagner Gonçalves. Caminhos da Alma. São Paulo: Summus/Selo Negro, 1ª Edição, 2002.

SILVA, Vagner Gonçalves (Org.). Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Selo Negro Edições, 5ª Edição, 2005.

SOUZA, Bárbara Oliveira. Panorama Histórico, Identitário e Político do Movimento Quilombola Brasileiro. 2008. Dissertação. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2130>

VERGER, Pierre Fatumbi. Orixás. Salvador, BA: Ed. Fundação Pierre Verger, 2018.

WILLIAM, Rodney. Apropriação Cultural. Coleção Feminismos Plurais. Org. RIBEIRO, Djamila, 2019



Prefeitura de
JACAREÍ

**Subsecretaria de Igualdade e de
Direitos Humanos**